



Organizadores:
Telma Bessa Sales
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Trajetórias de pesquisa

Os mundos do trabalho em transformação

Série
Território
Científico

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos



Telma Bessa Sales é graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997), com mestrado (2000) e doutorado (2006) em História pela mesma instituição e pós doutorado na Universidade de Évora – Portugal (2015). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil, experiências sociais, memória, cultura, história oral, reestruturação produtiva e patrimônio industrial. Fez estágio na Universidade La Sapienza (Roma) sob orientação do professor Alessandro Portelli. É membro do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios no Ceará (ICOMOS-CE), do Conselho Municipal de Patrimônio de Sobral e professora adjunta do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) desde 2011.



Antônio Jerfson Lins de Freitas é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2007) e em História – Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2004). Técnico em telecomunicações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE, atual IFCE). Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (2019). Cursa segunda licenciatura em Geografia pela Faculdade Estácio do Ceará e Doutorado em Geografia pela UECE. Atualmente coordena o conselho editorial da Editora SertãoCult.

Organizadores:
Telma Bessa Sales
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Trajetórias de pesquisa

Os mundos do trabalho em
transformação



Sobral - CE
2024

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Trajetórias de pesquisa - Os mundos do trabalho em transformação

© 2024 copyright by Telma Bessa Sales, Antônio Jerfson Lins de Freitas. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com.br
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com.br

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de História

Carlos Augusto Pereira dos Santos
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valeria Aparecida Alves
Raimundo Alves de Araújo
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Juliana Magalhães Linhares
Cícero João da Costa Filho
Regina Celi Fonseca Raick
Andreia Rodrigues de Andrade

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação

João Batista Rodrigues Neto

Capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

T765 Trajetórias de pesquisa: os mundos do trabalho em transformação. /
Organizado por Telma Bessa Sales, Antonio Jerfson Lins de Freitas. -
Sobral CE: Sertão Cult, 2024.

274p.

ISBN: 978-65-5421-130-7 - papel
ISBN: 978-65-5421-131-4 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/54211314-2024

1. Pesquisa.
2. Ensino.
3. Trabalhos- Novas perspectivas.4. Sistemas de trabalho.
1. Sales, Telma Bessa. II. Freitas, Antonio Jerfson Lins de. III. Título.

CDD 331.117

A série Território Científico

Marco Machado

Jerfson Lins

Editora SertãoCult

Quando o Projeto Território Científico foi concebido há mais de quatro anos, as incertezas sobre o que a pandemia da Covid-19 nos traria eram muitas. O futuro era opaco para previsões otimistas diante do quadro de milhares de mortos diariamente, apenas no Brasil.

Mas se o contexto era absolutamente assustador, pelo menos pudemos ter confirmada a resiliência dos pesquisadores brasileiros, que apesar de imersos em um cenário de carência de recursos financeiros e técnicos, ou-saram produzir como nunca, adequando-se àquela realidade, aprendendo a utilizar as ferramentas e tecnologias de informação e comunicação, paradoxalmente ficando ainda mais próximos do que antes da clausura imposta pelo vírus.

A tsunami de lives e eventos virtuais passou assim como chegou. O cansaço de assistir a intermináveis sessões diante das telas cobrou seu preço e a busca pelo contato físico suplantou o medo de sair às ruas. Parece que havia sido em outra vida que podíamos reunir centenas de pessoas em um auditório para discutir alguma pesquisa, ou simplesmente reunir meia dúzia de amigos ao redor de uma mesa para conversar sobre assuntos banais.

Parece que foi em outra vida também que, a partir da série Território Científico, a editora SertãoCult convidou os membros de seu conselho para organizarem entrevistas com renomados pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Muito material foi gerado a partir de tal iniciativa, um riquíssimo acervo que já originou quatro livros e agora traz à luz mais um volume, *Trajétórias de pesquisa: os mundos do trabalho em transformação*.

Em mais uma parceria, Telma Bessa e Jerfson Lins reuniram grandes pensadores, de diversas universidades, para falarem sobre o mundo do trabalho, sobre suas carreiras e pesquisas. Mais do que uma aula sobre a realidade vivida pelo trabalhador no século XXI, este livro nos permite enxergar o mundo com os olhos treinados de alguns dos mais respeitados pesquisadores da temática.

Foram, com este, cinco grandes livros produzidos e disponibilizados gratuitamente em formato e-book no escopo do projeto. Foram dezenas de entrevistadores e entrevistados e horas de conteúdo, fontes imprescindíveis para jovens pesquisadores interessados em um aprender com quem realmente sabe sobre o tema.

Brindemos a mais este sucesso! Outros estão a caminho.

Sobral-CE, abril de 2024.

Apresentação

Há três anos nadamos nas águas profundas e agitadas enfrentando a pandemia da Covid-19 (2020-2021) no Brasil e no mundo. Em terras brasileiras, a crise sanitária foi acompanhada de uma crise política, econômica e social que expressou arroubos autoritários, posturas negacionistas e desrespeito aos direitos trabalhistas, direitos humanos, direitos de mulheres etc.

Nesses dias de tempestades de uma demora de três anos, a criatividade, a imaginação, a leveza e o uso das tecnologias informacionais e digitais adentraram em nossas casas e até hoje compõem a maneira de realizar trabalho (no universo acadêmico, por exemplo) e entretenimento.

Navegando nesse mar revolto, criamos plataformas com lives, debates, entrevistas e livros. Este, que você tem em mãos agora, é fruto dessa conjuntura, do desejo de manutenção de relações e vínculos com professores e alunos do país. É possível hoje conhecer as narrativas de intelectuais estudiosos(as) do Brasil, que se colocaram disponíveis para veicular suas trajetórias no período pandêmico do século XXI, especialmente com a temática da pesquisa sobre os mundos do trabalho.

Gratidão é a palavra que cabe para todos(as) que construíram este livro. Agradecer pelo diálogo, aprendizado, dedicação e paciência antes, durante e depois das entrevistas filmadas e que você pode verificar a partir dos links disponíveis em cada narrativa.

Boa leitura e debates a partir da categoria *trabalho*, que continua provocador e contribui na revitalização do pensamento histórico e das ciências sociais/humanas.

Os organizadores

Sumário

O trabalho continua central na sociedade..... 11

Roberto Vêras de Oliveira – UFPB

Uma visão interdisciplinar sobre o trabalho no século XXI..... 15

Felipe Augusto dos Santos Ribeiro - UESPI

Doi: 10.35260/54211314-2024.p22-40

Uberização e crise no mundo do trabalho: entrevista com César Sanson..... 23

César Sanson

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p42-70

Trabalho e gênero: entrevista com Helena Hirata..... 43

Helena Hirata

Joannes Paulus Silva Forte

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p70-94

“As marisqueiras estavam lá, elas por elas mesmas”: entrevista com Luiz Henrique dos Santos Blume..... 71

Luiz Henrique dos Santos Blume

Cosma Silva de Araújo

Fannuel Santos Mesquita

Doi: 10.35260/54211314-2024.p96-125

Transformações capitalistas e (des)igualdades no mundo do trabalho: entrevista com Márcia de Paula Leite.....97

Márcia de Paula Leite

Joannes Paulus Silva Forte

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p126-138

Dialogar com os diversos setores da sociedade é importante na pesquisa e ensino: entrevista com Telma Bessa Sales..... 127

Telma Bessa Sales
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Joannes Paulus Silva Forte

Doi: 10.35260/54211314-2024.p140-165

Os sujeitos na luta pela terra: entrevista com Samuel Maupeou.....141

Samuel Maupeou
Telma Bessa Sales
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p166-186

O sindicalismo e o mundo do trabalho: entrevista com Marcelo Badaró Mattos.....167

Marcelo Badaró Mattos
Cosma Silva de Araújo
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p188-206

“Não dá para pensar a sociedade sem trabalho”: entrevista com Clarice Speranza..... 189

Clarice Gontarski Speranza
Fannuel Santos Mesquita
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p208-222

Pesquisa e empatia no mundo do trabalho: entrevista com Antonio Bosi..... 209

Antonio de Pádua Bosi
Fannuel Santos Mesquita
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p224-242

“Boas questões fazem boas pesquisas”: entrevista com Fabiane Popinigis.....225

Fabiane Popinigis
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Cosma Silva de Araújo

Doi: 10.35260/54211314-2024.p244-265

“Seria estranho se eu não tivesse optado por estudar o trabalho”: entrevista com William Mello.....245

William James Mello
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Cosma Silva de Araújo

Índice Remissivo.....267

Entrevistadores..... 273

Doi: 10.35260/54211314-2024.p22-40



César Sanson É professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Área de docência e pesquisa: Sociologia do trabalho e Sociologia do Brasil. Graduado em Filosofia e História pela Pontifícia Universidade Católica - PUC-PR (1981), com especialização em Economia e Trabalho pela UFPR (1997), mestrado (2003) e doutorado (2009) na área da Sociologia do Trabalho pela UFPR. Em 2012 assumiu o cargo de docência superior da Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN). Entre 2015 e 2018 foi Chefe do Departamento de Ciências Sociais e entre 2014 e 2019 foi Coordenador do Curso de Licenciatura Ciências Sociais PRONERA. Atualmente é professor Associado no Departamento de Ciências Sociais da UFRN. Também é coordenador do Grupo de Estudos Trabalho, Estado e Sociedade - GETES.

Uberização e crise no mundo do trabalho: entrevista com César Sanson¹

César Sanson

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Telma Bessa Sales

Telma Bessa (UVA): Boa tarde! Hoje é dia 14 de maio de 2020. Nós estamos aqui com o professor de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), César Sanson, e nós vamos dialogar hoje sobre *O Mundo do Trabalho* e um pouco sobre a sua trajetória de pesquisador. É uma parceria que nós estamos fazendo com a SertãoCult, para nós divulgarmos e aprofundarmos essa pauta do que é o trabalho, as relações sociais, nesse momento de crise que nós estamos vivendo dentro de uma pandemia, de uma crise sanitária, política e econômica. Professor César Sanson, você quer se apresentar rapidamente?

César Sanson (UFRN): Boa tarde! É uma satisfação! Meu nome é César Sanson. Eu sou professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rio Grande do Norte – UFRN e a minha área de ensino prioritária é a Sociologia do trabalho.



¹ Entrevista realizada via *Google Meet* em 14 de maio de 2020. Confira a entrevista utilizando ou clicando no QR Code ao lado.

Telma: Muito bem! Mas o César tem esse olhar também, tanto acadêmico, teórico, metodológico e um olhar voltado para as questões sociais. Uma questão voltada para os movimentos sociais. E a primeira questão seria um pouco essa: como foi o seu envolvimento com essa temática do trabalho, a ponto de eleger essa temática para o mestrado e para o doutorado?

César: Perfeito! Veja, o meu interesse para essa área do mundo do trabalho tem duas dinâmicas. Primeiro, o contato permanente com grupos de trabalhadores. E, a segunda dinâmica, simultaneamente a esse contato com o mundo do trabalho, com trabalhadores, são os estudos que tenho feito acerca das mudanças do mundo do trabalho. Então, eu diria que essas duas dinâmicas, a observação das lutas operárias, o contato com os trabalhadores de diferentes categorias, vinculado ao meu estudo, resultou na prioridade que eu tenho dado a esse tema. Eu, particularmente na história da minha vida, antes de ser professor universitário, trabalhei muito tempo em uma organização denominada Pastoral Operária, que acompanhava as lutas operárias, os movimentos sociais, particularmente nos anos 1980, um período de ascensão das lutas operárias, do movimento sindical brasileiro, das greves, ações coletivas. Simultaneamente a esse acompanhamento, essa participação nas lutas operárias, eu também trabalhei numa instituição que era um centro de pesquisa, o CEPAT (Centro de Pesquisa de Apoio aos Trabalhadores) que se dedicava ao estudo, exatamente, dessas mudanças que estavam ocorrendo na sociedade do trabalho. O objetivo aqui era exatamente fazer um link entre o que a gente estudava com o que estava acontecendo na sociedade do trabalho. Daí vem um pouco da minha trajetória de interesse pela sociologia do trabalho, pelo mundo do trabalho. Ela não tem uma iniciação na academia, ela tem uma iniciação na vida mesmo, no movimento social, diria que antes de ser acadêmico eu fui um ativista, um militante também da luta social. Posteriormente, vou me inclinar mais para a academia. O meu interesse, portanto, ao mundo do trabalho está vinculado a essas duas dinâmicas, de ativista social e, posteriormente de acadêmico, de estudioso desses temas.

Jerfson Lins (SertãoCult): O senhor poderia falar um pouco sobre a sua principal pesquisa? Agente sabe que o senhor tem uma linha mestra... que o senhor vai seguindo toda a sua carreira. Até hoje qual foi a sua principal produção nessa área?

César: Olha, na verdade, eu tenho algumas pesquisas mais específicas de categorias, eu já pesquisei metalúrgicos e as montadoras. Tenho pesquisado agora, no Rio Grande do Norte, trabalhadores da indústria têxtil. Eu já fiz pesquisa também com trabalhadores da sociedade rural, particularmente do MST (Movimento Sem-Terra). Iniciei uma pesquisa, ainda bastante incipiente, com trabalhadores de aplicativos. Entretanto, se fosse para definir uma linha mestre... de minhas pesquisas e o que tem me interessado mais e tem me acompanhado desde o início da minha trajetória acadêmica, é a pesquisa de procurar compreender a mudanças substanciais que estão ocorrendo na sociedade do trabalho. Então, a minha pesquisa, diria assim, macro, é uma pesquisa de caráter teórico, estudar as mudanças que ocorrem na sociedade do trabalho e suas inflexões na vida dos trabalhadores. Tenho me dedicado muito ultimamente a tentar entender melhor esses grandes ciclos históricos de transformações produtivas e como é que isso impacta a vida social do trabalho e a organização dos operários. Tenho feitos estudos, muito através da literatura... de entender um pouco qual foi o caráter dessas grandes revoluções produtivas, tomando como referência a primeira grande Revolução Industrial e, agora, a esta última, a chamada Revolução 4.0. Essa é a minha pesquisa digamos assim estrutural do ponto de vista teórico. As outras pesquisas são pesquisas pontuais, conjunturais. Agora, do ponto de vista teórico, é esse tema que tem me interessado mais, tentar compreender essas grandes tendências, para onde caminha a sociedade do trabalho. Quais são os grandes impasses que se colocam hoje.

Telma: Então, nesse sentido, como nosso material é um material didático também, que nós vamos provavelmente utilizar em sala de aula, quando em 2002, o professor iniciou aquela pesquisa sobre a mutação do trabalho, sobre o pertencimento desse trabalhador na grande engrenagem industrial, o que seria essa mutação do trabalho que nós tanto falamos e tantos autores insistem... como podemos compreender a mutação do trabalho? E quem são esses trabalhadores?

César: A definição talvez mais clara dessa grande mutação, dessa grande transformação, dessa grande metamorfose que está acontecendo na sociedade do trabalho, é o que alguns autores definem como a transição da sociedade fordista para a sociedade pós-fordista. Então, é interessante contextualizar um pouco, o que é a sociedade fordista. A sociedade fordista foi um modelo de organização fabril/industrial durante décadas que tem ori-

gem no início do século XX. Essa sociedade fordista conformou, configurou a sociedade do trabalho durante muito tempo. A sociedade fordista que foi a referência da sociedade do trabalho do século passado está em crise.

O que caracteriza a sociedade fordista? É exatamente a ideia da inclusão operária via o assalariamento. Aqui tem uma questão interessante, a chamada Revolução Industrial vai incorporar os trabalhadores num sistema de produção e vai torná-los assalariados. A sociedade do século XIX e XX foi uma sociedade do assalariamento e o fordismo caracteriza bem isso, essa ideia de que todos e todas se tornam operários, se tornam operárias, trabalham e têm o seu rendimento. E se a gente olha um pouco o século XX, a gente observa, particularmente na Europa - menos aqui nos países do Sul, porque nosso capitalismo foi tardio – que são sociedades que atingiram o pleno emprego e Estado de bem-estar social. Então, havia uma espécie de pacto, a sociedade fordista associada ao keynesianismo caracteriza isso, um pacto entre o capital, o Estado e o trabalho. O capital entra com os postos de trabalho, os trabalhadores entram com o seu trabalho e o Estado entra com os serviços públicos. Ora, isso que conforma o chamado *Welfare State*, uma sociedade equilibrada, onde todos têm um emprego, um rendimento minimamente satisfatório, uma rede de proteção social de direitos está em crise.

Essa sociedade fordista, que foi hegemônica, está em profunda crise. A mudança profunda que está acontecendo na sociedade do trabalho, no declínio da sociedade fordista está associada a dois grandes movimentos: um de ordem econômica e outro de ordem política. O movimento de ordem econômica da crise do fordismo está associado, fundamentalmente, a um ataque sem precedentes do capital sobre o trabalho que se iniciou no último quarto do século XX. As teses neoliberais preconizam a retirada do Estado da economia e estabelecem uma nova dinâmica na relação capital-trabalho. Associado a isso, você tem uma revolução das forças produtivas. Deixamos para trás a Revolução Industrial e, já estamos vivendo a chamada Quarta Revolução Industrial. Nos anos 1970, do século passado, tivemos uma revolução importante, a chamada Terceira Revolução, mais conhecida como Revolução Tecnológica, que foi

Essa sociedade fordista, que foi hegemônica, está em profunda crise. Nós estamos passando para o que alguns denominam de sociedade pós-fordista.

a introdução de novas tecnologias que, grosso modo, ficou conhecido com a introdução da internet. Se a gente olhar, por exemplo, toda essa chamada sociedade do trabalho dos aplicativos, o denominado capitalismo de plataforma, ele tem origem exatamente a partir dos anos 70, anos 80, do surgimento do Vale do Silício a partir da introdução de novas tecnologias que deram origem a chamada revolução tecnológica informacional.

Essa revolução mudou radicalmente todo o processo produtivo. Anteriormente, o processo produtivo fordista era padronizado, produção em massa. Essa revolução tornou as forças produtivas flexíveis, aquilo que David Harvey chama de acumulação flexível. Portanto, transitamos de um modelo de acumulação padronizado para um modelo de produção flexível. A fábrica mudou radicalmente a partir do advento dessa Revolução Tecnológica. Ela muda em que sentido? A informática possibilita novos processos produtivos, aumentando a produtividade de forma exponencial e poupando mão de obra. Essa não necessidade de empregar tanta gente reorienta parte do lucro para o capital financeiro e, aqui, há uma novidade na história do capitalismo mundial que vai ter uma inflexão direta sobre os trabalhadores. Que novidade é essa? Max Weber em sua obra *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*² destaca que havia certa “ética” no capitalismo histórico, no capitalismo da primeira Revolução Industrial, o fato do empresário capitalista dividir os seus ganhos em três partes: uma parte, ele revertia para os trabalhadores em forma de salário; a segunda parte, revertia abrindo novas fábricas para ampliar o seu negócio e, a terceira parte, era o seu lucro. Ora, o que está acontecendo agora, a partir dessa Revolução Tecnológica ou informacional e elevada a uma potencialidade maior com a revolução 4.0? Considerando que o capital emprega menos gente, ele não precisa mais distribuir parte do seu lucro em salários e também não precisa abrir

[...] a fábrica mudou radicalmente a partir do advento dessa revolução tecnológica. Ela muda em que sentido? Exatamente que a informática possibilita novos processos produtivos, que faz com que aumente a produtividade de forma exponencial e poupe mão de obra.

2 A datação mais comum da publicação da obra é de 1904 e 1905 ao reunir dois artigos independentes, um escrito em 1904 e outro em 1905; ambos publicados na revista *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, da qual Weber era um dos editores. Em 1920, o autor revisou e ampliou o texto.

novas unidades produtivas, porque a Revolução Tecnológica aumenta exponencialmente a produtividade. Essa é uma diferença importante entre essas duas últimas revoluções e as revoluções anteriores. A Revolução Industrial, aquela que Marx estudou, necessitou de milhares de operários. Essas novas revoluções produtivas não necessitam de tantos operários, então, parte substancial do dinheiro da produção, que antes era revertido em salários, em aberturas de novas fábricas, está indo para o mercado financeiro.

Essas grandes corporações transnacionais aplicam o seu dinheiro no mercado financeiro, portanto, há uma subtração de recursos que anteriormente ia para a sociedade e agora vai para o mercado financeiro. O mercado financeiro, por sua vez, se autonomizou da esfera produtiva e passou a interferir na política. Aí, a política acabou também subordinada ao capital financeiro. O que assistimos hoje? Em todos os Estados nacionais quem de fato determina as políticas é fundamentalmente o capital financeiro. E como isso se manifesta na sociedade do trabalho? Através de uma nova normatização, de uma nova regulação na relação capital-trabalho, onde o Estado se retira e flexibiliza toda a legislação trabalhista. Temos, portanto, uma perspectiva bastante perversa para a sociedade do trabalho, porque de um lado assistimos ao esfacelamento da sociedade do trabalho assalariada e de outro, vemos uma ofensiva de desestruturação de todo o arcabouço jurídico que dava sustentação à chamada rede de proteção social através dos direitos do trabalho.

É um pouco esse o tema que tem me interessado, compreender essa mudança profunda na sociedade do trabalho. E aqui é exigido de nós, teóricos e estudiosos da sociedade do trabalho pensar alternativas, porque imaginar que nós iremos retornar à sociedade operária, fordista, a sociedade da fábrica, isso não volta mais. Doravante, cada vez mais, o trabalho será caracterizado pelo que se denomina hoje de uberização do trabalho. O

Essas grandes corporações transnacionais, elas aplicam seu dinheiro no mercado financeiro, então, há uma subtração de recursos que anteriormente iam para a sociedade que agora vão para o mercado financeiro. O mercado financeiro, por sua vez, se autonomizou da esfera produtiva e passou a interferir na política, dada a sua força.

que é uberização? É exatamente a ausência total da regulação do trabalho. Essa é a perspectiva do que eu tenho discutido e estudado ultimamente.

Telma: Que aula maravilhosa que a gente está vendo! Exatamente essa transformação do que é o trabalho nas décadas de 80, 90, víamos toda uma ascensão da organização sindical, também contra a crise do desemprego naquele momento e a entrada realmente das novas tecnologias, das máquinas de comando numérico computadorizados, então, parece que isso realmente já está obsoleto. Nos jornais do ano 2000, que foi a virada do século, o que os cientistas políticos e da sociologia do trabalho, como

o José Pastore e outros mais, falavam exatamente dessa obsolescência desse trabalhador, dele sentir que o que ele sabia, até então, não era mais necessário para continuar essa máquina mais ampla, essa engenharia. Então, esses trabalhadores, que é a pergunta seguinte, onde eles foram parar nesse processo de uberização? Quem são esses trabalhadores?

César: Alguns autores, e eu lembro particularmente aqui do Robert Castel – também o Manuel Castells e o Richard Sennett vão um pouco nesta linha – afirmam que hoje temos três categorias de trabalhadores. Uma primeira categoria extremamente pequena, eu estou falando isso do ponto de vista mundial, que está no nicho do trabalho do conhecimento. E aqui, há outra questão importante: se a gente estuda a Revolução Industrial anterior ao sécu-

Então, a gente tem uma perspectiva bastante perversa para a sociedade do trabalho, porque você tem por um lado o esfacelamento da sociedade do trabalho assalariado. Nós temos cada vez menos pessoas assalariadas, particularmente, na indústria e, por outro lado, você tem uma ofensiva de destruturação de todo o arcabouço jurídico que dava sustentação à chamada rede de proteção social através dos direitos do trabalho.

E aqui é exigido de nós, teóricos, estudiosos da sociedade do trabalho, pensar alternativas, porque imaginar que nós vamos voltar à sociedade operária, fordista, a sociedade da fábrica, isso não retornará mais. Doravante, cada vez mais, o trabalho será caracterizado pelo que se denomina hoje de uberização do trabalho.

lo XXI percebemos que não era exigido aos trabalhadores o chamado conhecimento e, hoje, o conhecimento se tornou a “matéria-prima” da maior importância. Hoje, quem realmente tem salários altos e está incorporado a essa nova dinâmica internacional, nessas redes de produção internacional, são os trabalhadores que detêm o conhecimento. Aqui, temos uma mudança importante, na sociedade fordista não se exigia conhecimento, se exigia apenas dos operários a sua energia física. Era aquela ideia de Ford que dizia que queria apenas os braços e as pernas dos trabalhadores, a sua inteligência, você deixa lá fora. Ela, a inteligência, era prescindida no processo produtivo. Hoje, o conhecimento é cada vez mais importante, porque se a produtividade anteriormente era dado pelo chamado mais-valor relativo e absoluto, a intensificação da jornada de trabalho associada às novas tecnologias, hoje, o mais-valor não é mais dado pela intensificação da jornada de trabalho, pelo chamado roubo do tempo do trabalhador, ele é dado sobretudo pelo conhecimento. Uma ideia, o desenvolvimento de um software pode revolucionar o processo produtivo, rendendo uma produtividade e um ganho exponencial ao capitalista. Há aqui há uma coisa importante: hoje, exige-se um trabalhador que empregue a sua inteligência no processo produtivo, estou falando desse capitalismo informacional transnacionalizado, dessas grandes corporações, tanto na área da indústria como na área dos serviços. Esse capital emprega muito pouca gente, mas emprega trabalhadores que detenham conhecimento. Esta é uma primeira parcela de trabalhadores, os que ganham mais porque detêm o conhecimento.

Na sequência, temos uma segunda parcela de trabalhadores muito numerosa, que são os trabalhadores que trabalham onde não é requisitado o conhecimento, mas são requisitadas tarefas tayloristas e fordistas. Eles são esses trabalhadores que trabalham na área de serviços, na área da indústria, terceirizados e que ganham salários baixos. E nós temos um terceiro grupo de trabalhadores, que são os trabalhadores que estão fora da sociedade do trabalho formal. São os informais, aqueles que se viram por conta própria, que hora têm trabalho e hora não têm trabalho. Esse é o fracionamento da classe trabalhadora.

A classe operária antigamente era homogênea, os trabalhadores ganhavam salários similares, tinham o seu uniforme, tinham uma jornada de trabalho bem definida, final de semana ficavam em casa; essa homogeneidade simplesmente evaporou. Hoje, você tem poucos trabalhadores

altamente qualificados que não se identificam como classe trabalhadora, uma gama enorme de trabalhadores terceirizados em serviços precários e ganhando pouco e os trabalhadores que estão fora do assalariamento. Então, houve uma quebra da homogeneidade, por isso nesse contexto vemos o enfraquecimento dos sindicatos, porque os sindicatos são resultantes de um período histórico que foi o da ascensão desse movimento operário homogêneo, de uma classe operária que se identificava, que trabalhava junto, que conseguia construir relações de solidariedade, de amizade muito fortes. Houve uma fragmentação muito grande do conjunto da classe trabalhadora e, junto com essa fragmentação, os sindicatos perderam força, vivemos outro momento histórico e, acrescento a isso, evidentemente, o ataque violento do capital sobre o trabalho e as organizações operárias. Isso é um fenômeno mundial. Nós estamos diante de um desafio gigantesco e não adianta ficarmos com saudosismo da classe operária, da industrialização, do assalariamento... esse período não retornará mais. Doravante, teremos sempre e cada vez mais essa situação de fragmentação entre os trabalhadores, a redução desse assalariamento e também a necessidade de reinventar formas de organização.

Telma: Há 20 anos, a gente pesquisava exatamente como é o modo de vida desse trabalhador. Eu, na Volkswagen, quando eu morava em São Paulo, então, esse sentimento de pertencimento à “família da Volkswagen”, que a “Volkswagen era uma cidade”, a vida do trabalhador... ela pautava o cotidiano dele, da família de acordo com os preceitos dessa fábrica. E no trabalho do professor, você fala de um “feitiço” que essas empresas têm sobre a subjetividade operária, que faz exatamente com que pareça que há um véu, como dizia Darcy Ribeiro, que cobre essa realidade, como nós hoje vamos desvelar exatamente isso. E de um ponto de vista mais amplo, mesmo considerando a fragmentação, a dispersão do movimento operário e o ataque do capital sobre o trabalho, como é que hoje nós podemos valorizar essa dimensão da subjetividade, desse encantamento ou desse feitiço que o professor fala há 20 anos? E ampliando mais, como hoje nossa população parece que comprou, vestiu um discurso da violência, do conservadorismo, da xenofobia? Entende? Dessas ondas, dessas composturas fascistas e autoritárias e sem compreensão até do que foi um período de ditadura militar no Brasil. Então, não é saudosismo, mas como é que nós podemos pautar essa discussão que o senhor falou de enfeiti-

A classe operária antigamente era homogênea, os trabalhadores ganhavam salários similares, tinham seu uniforme, tinham jornada de trabalho bem definida, final de semana ficavam em casa; essa homogeneidade simplesmente evaporou. Hoje, você tem poucos trabalhadores altamente qualificados que não se identificam como classe trabalhadora, uma gama enorme de trabalhadores terceirizados em serviços precários e ganhando pouco e os trabalhadores que estão fora. Então, houve uma quebra da homogeneidade, por isso que a gente vê nesse contexto o enfraquecimento dos sindicatos, porque os sindicatos são resultantes de um período histórico que foi de ascensão desse movimento operário homogêneo, de uma classe operária que se identificava, que trabalhava junto, que conseguia construir relações de solidariedade, de amizade muito fortes.

çamento desses trabalhadores? Sejam os jovens ou idosos nesse momento?

César: Junto com essas mudanças produtivas, junto à evolução das forças produtivas, veio junto com isso aquilo que nós chamamos de ascensão do chamado neoliberalismo. O neoliberalismo nada mais é que um novo tipo de liberalismo, faz referência ao liberalismo do século XVII e XVIII, daquele preconizado por Adam Smith e David Ricardo. E o que é o liberalismo para a gente entender o neoliberalismo? Adam Smith um dos formuladores da base do liberalismo viveu no século XVIII, na época em que a Igreja tinha muita hegemonia. Como a gente sabe, a Igreja criticava muito a avareza, criticava a cobiça, criticava a usura e Adam Smith, num livro importante, *A Teoria dos Sentimentos Morais*³, vai dizer que a avareza, a cobiça, você querer ganhar mais não é um pecado, mas é um valor. Ele vai dizer que a inveja, tudo isso, não são coisas negativas, são coisas positivas. Ele aplica essa reflexão à economia, a ideia – estou simplificando aqui – que na medida em que você procura o seu interesse particular, o seu objetivo individual, você beneficia os outros indiretamente. Essa é a ideia do mercado que se autorregula na medida em que cada um procura o seu interesse, acaba beneficiando indiretamente o interesse

3 SMITH, Adam, 1759.

do outro. Ele dá aquele exemplo clássico do sujeito que acorda de manhã cedo, às quatro da manhã (o Adam Smith era escocês e vivia num lugar frio), ele perguntava o seguinte: o que faz um sujeito levantar às quatro da manhã, passar muito frio para botar lenha no forno, amassar o pão, para que às sete horas você, Telma, vá comprar aquele pão fresquinho e aromático? O que o move a levantar da cama e trabalhar duro? É o prazer em te oferecer o pão fresco ou é o resultado do ganho que ele vai ter com a venda desse pão? Então, ele diz que o que motiva as pessoas a dar duro, a buscar seus interesses são seus rendimentos próprios. Fundamentalmente, a ideia do liberalismo é essa, do ponto de vista econômico, o liberalismo tem uma concepção política interessante, a ideia do de que na medida que cada um procura o seu interesse, move a engrenagem da economia.

O neoliberalismo é uma retomada dessas ideias liberais, que em todo o mundo ficou conhecido como o *Consenso de Washington*. No final dos anos 70, um grupo de economistas se reúne em Washington e sugere uma série de medidas para a retomada do crescimento da economia. Fundamentalmente quais são essas medidas? Retirada do estado da economia, privatizações, reformas de caráter fiscal e abertura comercial indiscriminada. Então, é nisso que o Brasil entrou também nos anos 80, no neoliberalismo. Mas o que eu queria chamar atenção é que, junto com o neoliberalismo, não vêm apenas medidas econômicas, vêm valores. É esse o grande drama hoje de quem nos anos das décadas anteriores trabalhava com a ideia da solidariedade, do coletivo. O sindicato expressa o quê? É uma organização coletiva, uma organização solidária, uma organização de cooperação. Ora, hoje, o que é hegemônico na sociedade não são os valores socialistas, o que é hegemônico são os valores liberais, essa ideia do empreendedorismo, ela está muito forte e ela tomou conta e está na mente de todos os trabalhadores, essa ideia de cada um ser o seu próprio patrão. O que eu acho é que não há apenas uma mudança de ordem, digamos assim, produtiva. Há uma mudança de ordem também cultural, como dizia o Milton Santos: a competitividade é uma categoria econômica; mas ela se transformou também numa categoria cultural. Ela escorreu da sociedade econômica para a sociedade no seu conjunto.

Essa ideia da competitividade, do individualismo, da produtividade, do empreendedorismo são valores que estão presentes com muita força na sociedade. São valores hegemônicos que estão presentes no trabalho,

que estão presentes na vida das instituições. Estão presentes na política, por isso você observa uma ascensão do conservadorismo. E o conservadorismo é exatamente isso, a quebra desses valores coletivos. Então, na sociedade do trabalho você tem isso também, pessoas compram muito facilmente esse discurso de que agora nós não somos mais trabalhadores, agora nós somos colaboradores. Há toda uma mistificação em torno dessas novas palavras que tentam vender aos trabalhadores essa ideia de que eles agora não são mais apenas operários, mas que na medida em que a empresa cresce, eles podem crescer. Mas veja, isso tem o seu limite, essa ideia de que nós somos uma família. Aqui, a gente também precisa pensar o seguinte: muitos trabalhadores aceitam muitas vezes esse discurso, se submetem, digamos assim a essa farsa toda porque eles precisam daquele emprego, precisam daquele salário; mas essa ideia de que somos todos colaboradores, isso é uma tremenda mistificação, de que “somos uma família”, isso é o novo ‘blá, blá, blá’ desse capital liberal e que carrega consigo essa nova cultura. Mas é isso, nós, além de termos que enfrentar essa desestruturação da sociedade salarial, também temos que fazer o enfrentamento ideológico desse debate cultural que está presente na sociedade, a chamada uberização do trabalho parte desse princípio muito forte do empreendedorismo: “agora todos nós somos empreendedores”!

Jerfson: A próxima pergunta faz uma retomada dessa ideia final da sua resposta e também de uma resposta anterior que o senhor deu, falando sobre essa necessidade de refletir sobre esse novo momento no mundo do trabalho. Qual a importância de se pesquisar essa temática hoje, para tentar causar um impacto nas sociedades? Como estimular esses novos pesquisadores a verem a importância de trabalharem nessa área, com esse objeto de pesquisa? E como isso impacta positivamente na produção do conhecimento científico?

O sindicato expressa o quê? É uma organização coletiva, uma organização solidária, uma organização de cooperação. Ora, hoje, o que é hegemônico na sociedade não são os valores socialistas, o que é hegemônico são os valores liberais, essa ideia do empreendedorismo, ela está muito forte e ela tomou conta e ela está na mente de todos os trabalhadores, essa ideia de cada um ser o seu próprio patrão.

César: Para responder essa questão vou retomar, talvez sendo um pouco pretensioso, pensando nos novos pesquisadores, a ideia de metodologia de Marx. Marx foi um intelectual, um pesquisador que viveu um determinado momento histórico e desenvolveu uma metodologia nos seus estudos que pode ser muito útil a todos nós. Veja, Marx tinha um método de pesquisa que tinha duas dinâmicas: a primeira dinâmica era a do estudo, da pesquisa, da investigação. Esse estudo, essa pesquisa, essa investigação, tinha duas características, a primeira era realmente a de estudar. Marx foi um sujeito que, antes de escrever *O Capital*⁴, se encerrou, se enfiou por dez anos no museu britânico em Londres, que na época tinha a melhor e a mais vasta biblioteca. Estudou profundamente a história, estudou a economia, estudou a literatura, além do conhecimento que ele já tinha acumulado. Marx era um incansável estudioso e essa era uma das pernas do método de pesquisa dele, o estudo, a investigação exaustiva do objeto de estudo. Ele foi realmente ousado. O objeto de estudo dele era o modo de produção capitalista. Marx colocou esse modo de produção capitalista sobre uma mesa e eviscerou como se fosse um cadáver, foi fundo nos estudos. Agora, essa investigação tinha, então, primeira essa característica, o estudo. Ele estudou toda a economia clássica, David Ricardo, Adam Smith, todos os economistas; era um leitor insaciável; ele aprendeu inglês exatamente para poder ler essa literatura desses economistas clássicos, como aprendeu outras línguas exatamente para estudar.

Então, para quem está chegando à academia, essa é uma dica imprescindível: estudar! Não há alternativa, o conhecimento é resultado do estudo, da leitura, de você ir atrás de quem já acumulou conhecimento. A gente não inventa a roda, não é mesmo?! O conhecimento já está de certa forma dado, então, há necessidade de você estudar, de você pesquisar, de você investigar. Marx estudou os modos de produção tribais, os modos de produção asiáticos, escravocratas da Grécia e da Roma. Fez todo um estudo da transição da sociedade feudal para a sociedade industrial, estudou as corporações de ofício, as manufaturas, a grande indústria, estudou sobre aqueles pesquisadores que escreviam sobre as novas tecnologias. Agora, além disso, e aí temos a outra característica do modo de pesquisa de Marx, ele acompanhava a prá-

4 *O Capital* é uma obra publicada em três volumes. O volume I é o único publicado pelo próprio Marx, ainda em vida, com o apoio de Engels. A publicação data de 1867. Os volumes II e III foram publicados posteriormente por Engels, respectivamente nos anos de 1885 e 1894.

xis, as mudanças que estavam acontecendo na sociedade. Então, ele tinha contato com as associações operárias da época na Inglaterra, na Alemanha, na França... Essa dinâmica, eu diria que é o método que Marx sugere, que é extremamente interessante e continua sendo extremamente atual, você associar essas duas dinâmicas: o estudo, a investigação e a pesquisa com a práxis. Por isso que geralmente quando a gente fala em método de pesquisa, a gente fala no sujeito pesquisador e no objeto da pesquisa e só depois de você analisar profundamente tudo isso é que vem a descrição. Marx comenta isso, se a gente olhar a produção literária dele, ele tem uma enormidade de rascunhos e de manuscritos; antes de escrever *O Capital*, ele escreveu três vezes mais do que está n' *O Capital* que eram rascunhos, anotações. Então, estude, pesquise e depois descreva, o que não pode é você querer descrever sobre um objeto de pesquisa sem conhecê-lo, sem acompanhá-lo e sem estudar; eu diria que esse método é bastante interessante, de você associar a investigação com a práxis.

Telma: E nesse processo, quais as principais dificuldades que a sua experiência pode citar? E até para a gente compreender mesmo o caminho difícil e instigante que é da pesquisa, e é uma pesquisa transformadora que não é só teórica, que vai o tempo inteiro incentivando e estimulando para que seja algo mais, como diz o próprio Marx, de transformação também, transformação pessoal e transformação coletiva nesse sentido.

César: Quando você estuda um objeto de pesquisa mais específico, eu diria que não é tão complicado assim, você define: “vou estudar determinada categoria” ou “vou estudar determinado acontecimento”. Quando você cerca bem o seu objeto de pesquisa e define um pouco quais são as possíveis hipóteses, isso te dá um caminho mais fácil. Agora, nessa discussão que estamos falando aqui, que é uma discussão mais ampla, que é discutir essas grandes transições, essas grandes metanarrativas do capitalismo, isso é muito mais difícil e muito mais complicado. Porque hoje, e aqui vai uma crítica a nós das ciências humanas e, particularmente estou pensando aqui na sociologia do trabalho, mas podemos pensar nas ciências humanas, na história, na filosofia, na geografia, nas nossas disciplinas todas, na antropologia... eu acho que houve nos últimos períodos, uma segmentação muito grande de estudos, então, nós estamos hoje carentes de autores que tenham realmente essa ousadia de pensar o macro. Na sociologia do trabalho, por exemplo, que é a minha área, que eu conheço um pouco mais,

há muito estudo de economia do trabalho. O que significa isso? Há muitos estudos focados na mudança da legislação do trabalho e na flexibilização, na terceirização, na desregulamentação, mas isso é muito conjuntural e é importante. Eu, inclusive, participo de uma rede, a REMIR, que estuda essas coisas que estão acontecendo no Brasil e em todo o mundo: esse ataque violento do capital sobre a legislação do trabalho. Mas isso é uma coisa muito conjuntural. O que eu estou falando é que faltam estudos mais estruturais. A sociologia do trabalho, por exemplo, ela é uma sociologia, eu diria, assim um pouco “depressiva”. Tudo é subsunção, subordinação, exploração, assujeitamento. Quando, vamos a um evento da sociologia do trabalho, se sai de lá meio desanimado, porque os estudos que são apresentados, as pesquisas discutidas revelam pouca dialética. Eu vejo hoje que há pouca produção teórica na perspectiva de pensar a emancipação. A gente está muito subordinada à dinâmica e ao debate ideológico dado pelo próprio capitalismo. Então, isso é outra coisa importante, todo pesquisador não pode se conformar apenas com o que seu objeto diz. Ele tem que ser realmente fiel ao que o objeto diz, mas o objeto de pesquisa deve suscitar interrogações que o façam pensar para além disso. Fundamentalmente, eu diria que o papel de um acadêmico é aquele que não vai apenas ficar sobre o objeto, mas ele vai tentar, a partir do objeto, pensar para além dele. Creio que hoje falta um pouco essa discussão. A gente está muito preso a certo cerceamento economicista dos objetos de pesquisa. Acho que está faltando mais ousadia, pensar e sugerir.

Particularmente na sociologia do trabalho, o que me desencanta um pouco é a percepção que a gente não tem conseguido discutir mais o que seriam os processos emancipatórios. A gente está muito preso à dinâmica dada pelo capitalismo e os estudos estão muitos circunscritos a isso: em ver apenas esses efeitos, dessa onda devastadora do capital sobre o trabalho, e não estamos conseguindo produzir novas ideias. Embora, talvez, a ausência de novas ideias também estejam linkadas à ausência de lutas operárias, das lutas sociais; porque também é verdade que toda vez que a gente tem uma onda de lutas sociais, como foi recentemente a Primavera Árabe, temos também tem uma fertilidade maior no pensar. Talvez esteja nos faltando isso também. O movimento antiglobalização nos anos 1990 foi muito interessante nessa perspectiva: possibilitou a criação do Fórum Social Mundial, coisas novas. A ausência da ousadia na teoria hoje talvez

esteja associada à ausência também de lutas sociais emancipatórias. Esses são os mares em que nós estamos navegando. Tempos difíceis!

Jerfson: Nesses tempos difíceis, já é uma dificuldade você pensar sobre a realidade atual. Imagina ter esse trato com as fontes e trabalhar de forma acadêmica, forma objetiva, ainda mais na nossa área que mexe tanto com a nossa vida! Como o senhor analisa essa relação do pesquisador com as fontes? Especificamente nessa área, que é uma área que envolve tanto a nossa subjetividade, mas também a nossa vivência e como tratar essas fontes de forma científica sem correr o risco de lançar mão de opiniões, meras opiniões, como a gente vê muito hoje, e também de obter essas fontes? Porque é a vida das pessoas, então, tem que ter um trato diferenciado.

César: Esse é um velho debate nas ciências sociais e em todas as ciências humanas, da relação do objeto com o pesquisador, dos cuidados do sujeito com o objeto de pesquisa. Esse é um debate já antigo na nossa literatura, de como você de fato tem uma relação de fidelidade com o que efetivamente o objeto diz e não com o que você pensa ou gostaria que o objeto te dissesse. Esse é um cuidado que todo pesquisador deve ter. Já existe bastante literatura sobre isso. É um debate grande nas ciências sociais. A partir da abordagem dos métodos marxista, durkheimiano e weberiano, como cada um empregou a sua metodologia; mas em todos eles há um pouco o denominador comum, que é que você tem que ser fiel ao que efetivamente o objeto de pesquisa está lhe dizendo, sobre o risco de você ser ineficaz nos seus resultados, se você dissipar o objeto. Isso é uma coisa importante para todo pesquisador; agora, por outro lado, não existe a pesquisa sem o envolvimento do sujeito, o envolvimento da subjetividade nossa, nós somos seres sociais que temos as nossas opiniões, as nossas concepções de mundo, então, isso também vai permear você no processo de pesquisa. Isso não é um problema. Porque muitas vezes são as suas inquietações que direcionam aquilo que lhe interessa no objeto de pesquisa.

A questão aqui é um pouco o cuidado de você não abdicar das suas posições, da sua subjetividade no processo de pesquisa, mas fazer com que isso não invalide o que o objeto está de fato lhe falando. Como você disse mui-

Fundamentalmente, eu diria que esse é o papel de um acadêmico: é aquele que não vai apenas ficar sobre o objeto, mas ele vai tentar, a partir do objeto, pensar para além dele.

to bem, nós temos que ter também um cuidado na relação com o objeto de pesquisa, principalmente no caso nosso, das ciências sociais, quando envolve as pessoas, tomar certo cuidado para não haver instrumentalização nesse processo das pessoas, como respeitar de fato esses atores sociais e como também dar um retorno da pesquisa a esses atores sociais. São todos processos importantes, que a gente deve ter quando estuda alguma coisa e, de fato, dependendo da sua pesquisa, as fontes de pesquisa são mais difíceis, mas também depende do tipo de pesquisa que você vai fazer, se é uma pesquisa etnográfica, se é uma pesquisa de outro tipo, do objeto, as fontes muitas vezes estão associadas às dificuldades ou facilidades ao que você está pesquisando.

Telma: Então, na verdade são 15 horas, já faz uma hora que a gente está aqui tendo uma aula excelente do professor César. Não sei se teria alguma questão, Jerfson? Se não, a gente poderia ver qual a mensagem para os novos pesquisadores que o professor César poderia falar, tendo em vista também, a experiência em sala de aula aqui no Nordeste, porque a maior parte da vivência do professor César foi no Centro-Sul do país. Então, como é que são esses 10 anos aqui de Nordeste e aqui, nosso vizinho, em Natal. Qual a mensagem que você diria para a juventude?

César: Olha, eu não gosto muito de dar mensagem. Sempre passa certa concepção de assertividade, como se você tivesse algo muito importante para dizer e que as pessoas devem te ouvir; mas eu acho o seguinte: para os jovens que estão chegando na academia, uma coisa muito importante é a curiosidade intelectual. Você ter interesse em aprender, em conhecer. Eu, particularmente, na minha experiência de docente que é pouca, não é mais do que 10 anos, porque eu entrei tardiamente no ensino universitário, é realmente muito gratificante ver estudantes que entram muito jovens, com 17, 18, 19 anos e, depois de quatro anos, saem totalmente transformados. Realmente, o ensino é uma coisa fantástica! A potência que a educação tem, particularmente as humanas. Por isso é que as humanas são tão atacadas e vilipendiadas pelas forças do capital. A gente está sofrendo ataques sem precedentes. Estão querendo retirar o nosso lugar no ensino, dizendo que a única coisa importante é o ensino técnico, porque as ciências humanas trabalham com uma coisa que é teoria crítica social. Essa é uma das coisas mais importantes dos alunos das áreas de humanas, o de fato de que eles tenham curiosidade intelectual de estudar, de aprender, porque na

medida, e a gente percebe isso, que esses alunos se dedicam aos estudos, à aprendizagem, eles se transformam em agentes sociais, de transformação social. Eles saem tendo mais clareza de como funciona a sociedade, das ideologias; então, é muito gratificante você, como professor, perceber que esses alunos fazem esse crescimento e para o aluno também é interessante. Muita gente diz assim: “Ah, mas nas ciências humanas não têm emprego, não tem mercado de trabalho”. Nós temos também nosso mercado de trabalho, mas fundamentalmente, nós temos uma contribuição importante a dar, que é manter essa massa crítica diante de uma sociedade que está totalmente subordinada ao capital. Então, acho que é essa a nossa contribuição hoje. E eu sempre tenho essa expectativa de que os nossos alunos se descubram como sujeitos sociais.

Telma: A gente agradece muitíssimo ao professor César, essa uma hora dedicada. Roubamos o tempo! Ele está afastado da universidade para o pós-doutorado.

César: Eu que agradeço a oportunidade! Parabênzo por esse excelente trabalho e fico à disposição de vocês. Obrigado, viu, Telma, pelo convite! A Telma é uma grande amiga e companheira de décadas. Grande Professora!

Entrevistadores

Cosma Silva de Araújo - Graduada em História- UVA. Mestre em História e Culturas- UECE. Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Ceará - UAB. Servidora pública.

Fannuel Santos Mesquita - Graduado em História-Licenciatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

Joannes Paulus Silva Forte - Graduado em Ciências Sociais na modalidade Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (2004), em Ciências Sociais na modalidade Bacharelado pela UFC (2004), mestre em Sociologia pela UFC (2008) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (2019) com cotutela no Département Droit, Intervention Sociale, Santé, Travail (DISST) do Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM-Paris-França). É Professor Adjunto J da Universidade Estadual Vale do Acaraú. É docente do quadro permanente do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio), na associada UEVA.

Viviane Prado Bezerra - Professora Assistente do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (Dinter UFF/URCA). Mestra em História Social pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Está vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas de História Oral do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, atuando nos campos de pesquisa de História Social, com ênfase em Movimentos Sociais, Camponeses, História das Mulheres, História Oral e História da Educação.

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m², com 274 páginas e em e-book formato pdf.
Maio de 2024.

Série
Território
Científico

Editora
**SERTÃO:
CULT**
10 anos

Uberização, gênero, trabalhadores tradicionais, trabalhadores da terra, o sindicalismo, desigualdades, diálogo, pesquisa, capitalismo, empatia. Cada uma destas palavras-chave é fundamental para aqueles que têm interesse pelos estudos acerca do mundo do trabalho. Mais ainda: são temas fundamentais para cada um de nós, trabalhadores, inseridos em uma sociedade em constante transformação, nem sempre (ou quase nunca) para melhor.

Pensando nisso, a série Território Científico uniu neste seu 5º volume entrevistas com 11 pesquisadores que se dedicam há anos ao mundo do trabalho e aos trabalhadores. Para melhor conhecermos nossa sociedade, nada melhor do que conhecermos aquilo que a move: o trabalho. Por isso convidamos vocês, caros leitores, a refletirem conosco sobre nossa realidade, que é primeiro passo para que possamos tornar essa transformação mais justa.

ISBN 978-655421130-7



9

786554

211307

Editora **SERTÃO:
CULT**